

*Abstract: O Autor, inspirado pelo tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica deste ano, propõe algumas reflexões sobre a Ética proclamada neste terceiro milênio cristão. Estuda a relação entre Ética e dignidade da pessoa humana, entre Ética e manipulação da vida, entre Ética e valor da vida, entre Ética e violência institucionalizada, entre Ética e terrorismo com sabor de guerra. O artigo conclui com a proposta de que sejamos “Anjos da Guarda” uns dos outros, guardando-nos uns aos outros como “Anjos de solidariedade e paz”.*

*The author states that the source of his inspiration is this year's oecumenical “Campanha da Fraternidade” which he applies to the field of Ethics and extends to the Third Millennium of Christianity. He focuses on the relationship between Ethics and the dignity of the human person, and the problem of Ethics regarding the manipulation of the principle of life, or the question of Ethics and the value of life, and Ethics to be related to institutionalized violence, or Ethics in view of terrorism leading to war. The conclusion to be drawn is a suggestion that people be motivated to become “guardian angels” of one another by keeping an eye on those living in solidarity and peace.*

## Ética, Violência e Paz

*Pe. Gilberto Kasper\**

\* Pe. Gilberto Kasper é Mestre em Teologia Moral e Jornalista. Lecionou Moral Fundamental, Bioética e Teologia Trinitária no ITESC, Mística e Fé na FURB.



Com a Campanha da Fraternidade ecumênica de 2005, incentivamos a abordar algumas reflexões que nos inclinem à busca da “*solidariedade e paz*” em favor da vida mais plena e mais feliz. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC apresenta com propriedade o panorama que envolve a “Década para superar a Violência” e nossa pretensão é aludir, mesmo que ligeiramente, a alguns fatos que enrugam o rosto dos primeiros anos do Terceiro Milênio Cristão. “*Felizes os que promovem a paz*” (Mt 5,9). Oxalá a Ética supere a violência para realmente promover a *paz* entre os chamados “Filhos de Deus”.

### 1. O terceiro milênio clama por uma nova ética

A palavra “*Ética*” é de origem grega. Enquanto a Filosofia Clássica concebe a *ética* como a ciência do *bem*, certos filósofos contemporâneos fazem dela a ciência dos *valores* e propõem o neologismo *axiologia* para designá-la. Para esses filósofos, a filosofia deve-se limitar a *axiologia*: seu objetivo é o que vale e não o que é em si. Com efeito, dizem que, depois de Kant, o ser-em-si é inacessível. Podemos, apenas, saber o que as coisas são em relação a nós. Assim, a noção absoluta de ser é substituída pela noção relativa de valor. O mundo exterior é para mim um valor, porque ele se impõe contra mim. Eu sou um valor em relação a ele, enquanto eu tenho o poder de organizá-lo. A vida social é um valor, porque ela age sobre mim. As idéias são valores, posto que comandam minha atividade. Assim, a noção de valor, se constitui uma nova filosofia inteiramente diferente da filosofia do ser.

A virada do segundo milênio cristão foi um tanto conturbada e confusa. Instaurou-se uma “*Cultura da Sobrevivência*” e alguns grupos de diversos segmentos esperavam que o Ano 2000 seria o fim: seitas, supersticiosos, videntes, cartomantes, pregaram e previram o “Fim do Mundo”, alguns, com exatidão, no dia 13 de agosto de 2000. Não podemos imaginar como acordaram na manhã do dia 14 do mesmo mês, tendo de constatar que a vida continuava. Houve, até mesmo, quem gastasse o que tinha, por conta do “fim do mundo”.

Ora, tais previsões poderão não ser tão absurdas, caso não tomemos consciência, de que estamos, de fato, acabando com o mundo. A era da Informática, a Globalização, a Robotização, a Nova Era e tantos outros fenômenos aceleraram os acontecimentos e, nem todos os países encontraram-se preparados para isso. Busca-se um avanço tecnológico e científico cada vez mais aguçado. Tenta-se prolongar ao máximo a vida e



já existem, no Brasil, hospitais que operam cirurgias em fetos dentro do próprio útero da mãe. As experiências da clonagem gastam bilhões de dólares e a reprodução humana alcança avanços extraordinários. Mas se há tamanho avanço tecnológico e científico, por que estaríamos acabando com o mundo e, conseqüentemente, por quê uma nova *ética*?

A população mundial atingiu 1 bilhão de habitantes em 1804. Em 1930, em apenas 126 anos, dobramos a população, atingindo um total de 2 bilhões de habitantes. Em 1960, 30 anos depois, éramos 3 bilhões; em 1974, 14 anos mais tarde, éramos 4 bilhões; em 1987, 13 anos depois, somávamos 5 bilhões e em 1999, apenas 12 anos passados, contávamos com 6 bilhões de habitantes no mundo. A previsão da ONU, é de que em 2012, seremos 7 bilhões e em 2050, 9 bilhões de habitantes.. Fala-se, por isso, de que entre 2012 e 2050 talvez não haja mais espaço para a humanidade sobre a terra. Há iniciativas mundiais de Pastoral da Água e do Ar. Se hoje ainda constatamos guerra por causa do petróleo, haverá então guerra por um copo de água e um pouquinho de ar.

Diante do quadro estatístico relatado, temos uma gritante realidade de fome. Dos mais de 6 bilhões de habitantes no mundo, 870 milhões passam fome (para a ONU, “passa fome” quem não tiver 1.800 calorias a ingerir diariamente). Destes, 525 milhões estão na Ásia, 180 milhões na África, 93 milhões na América Latina, dos quais, 40 milhões são brasileiros; os demais 72 milhões, nas outras partes do mundo. No mundo, 10 % da população recebe 70 % da renda gerada e produz 70 %, enquanto que 3 bilhões têm acesso a apenas 6 % da renda mundial. Sabemos que apenas 20 % da população mundial tem acesso a telefone. Em toda a África há 14 milhões de linhas; nos Estados Unidos, somente uma companhia telefônica possui 63 milhões de linhas.

Faz-se, portanto, urgente instaurar uma *Nova Ética*, onde as pessoas tomem consciência de que é preciso mudar a qualidade de vida neste Terceiro Milênio Cristão, ou estaremos fadados a “explodir”, trazendo da imaginação à realidade as previsões de fim-de-mundo anunciadas na virada do milênio.

A Nova Ética pedirá, a cada um, sua parcela de contribuição. Este compromisso deverá ser construído sobre o *amor gratuito*.



## 2. Ética e dignidade da pessoa humana

Quando falamos de *Pessoa Humana*, pensamos no ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Para ter-se noção de Deus, basta contemplar, por exemplo, a face de uma criança, o rosto enrugado de um ancião e a carinha sapeca de um adolescente. Buscamos, geralmente, a imagem de Deus em pinturas de artistas famosos ou esculturas que deram nome aos seus escultores. Nem por fim, ensinaram-nos que Deus seria um velhinho de barbas brancas. A Teologia da criação nos sugere um exercício diferente: buscar a noção de Deus no “outro”. Aliás, Cristo não cansou de nos ensinar isso: buscou resgatar a figura do Pai no rosto sofrido do pobre, do oprimido, do marginalizado e excluído de sua época. Ele, Jesus Cristo, identificando-se com os pobres, com as crianças, deu-nos uma “ante-sala” da identidade do próprio Deus Criador.

A Pessoa Humana tem *direitos*, que nem sempre são respeitados, o que gera a violência. A Ética visa, portanto, resgatar o *respeito* a esses direitos.

A Pessoa Humana tem o direito de *nascer*, enquanto tantos promovem o aborto, o abandono, a concepção acidental, por acaso, num baile Funk. Quantas mães matam a possibilidade de seus filhos nascerem por medo do preconceito de tornarem-se “mães solteiras”. É engraçado que nunca se fala em “mãe casada”. Mãe é mãe. Quantas crianças nascem em mundos desumanos, em condições selvagens de miséria?

A Pessoa Humana tem direito a um *nome*. Este nome implica em *ter uma família*, em pertencer a uma família. *Família* que tenha uma moradia digna. Quando olhamos para os conjuntos habitacionais de nosso país, ficamos indignados com as condições que são impostas ao povo, constringido a viver indignamente em seu “lar”. Que lar é esse, que mais parece uma minúscula gaiola de passarinhos? E aqueles que se abrigam debaixo das pontes, dos viadutos, às portas das lojas nas noites frias de nossas metrópoles? Além da família que dê nome à pessoa, há o direito à *saúde básica*. Que saúde necessita uma pessoa para crescer dignamente? A saúde de nossos dias? Quanta preocupação em distribuir preservativos (é justo que haja prevenção) e quanta falta de remédios básicos em nossos postos de saúde. Quanta falta de vontade no atendimento... Quando a pessoa aparece melhor vestida, a atenção acontece; quando chega cheirando a pobreza extrema, lá se vai o “atendimento”. . .

A Pessoa Humana tem o direito de *crescer*. O crescimento exige uma aperfeiçoada *educação básica*. De que *educação* podemos falar em



nosso país? Professores mal pagos; famílias indiferentes à educação e ausentes das escolas; tráfico de drogas desde o ensino fundamental; meninos armados, matando por causa de apelidos. Escolas mal cuidadas, sujas, sem recursos suficientes para manterem-se pelo menos inteiras. A Pessoa tem direito a *trabalho*. Como crescerá uma pessoa sem perspectiva de profissão e de realização profissional? Quais são as oportunidades dadas à Pessoa Humana em nosso país? O crime organizado, o consumo, o tráfico e a avalanche de corrupção e suborno são perspectivas sombrias para nossos jovens.

A Pessoa Humana tem o direito de *relacionar-se com outros*. Que tipos de *relações* a mídia impõe à sociedade, senão o individualismo, ao lado do hedonismo que visa simplesmente o prazer pelo prazer. O mundo mágico da Internet individualizou as relações entre as pessoas, que perderam a criatividade de relação simples, afetiva, amorosa, desinteressada, que se preocupe com o bem-estar dos outros.

A Pessoa Humana tem o direito de *constituir Família*. Mas que tipo de família queremos para nossos jovens, diante da reprodução independente, divulgada como “ponto de honra” dos ídolos de nossas crianças? A Família foi desacreditada nos últimos anos do segundo milênio. A falta de fidelidade, provocada, na maioria das vezes, pela falta de castidade, denegriu, esfacelou e desiludiu qualquer projeto de constituir Família. As invasões da mídia em nossas Famílias também contribuíram para que houvesse uma falta de perspectiva de constituir o que alguns mais avançados gostam de chamar “instituição falida”.

A Pessoa Humana tem o direito de *envelhecer e de morrer com dignidade*. Nossos aposentados no Brasil sentem na própria situação quais são seus direitos de envelhecer, de adoecer e de morrer. Salários miseráveis, remédios com preços elevadíssimos empobrecendo cada dia mais os velhinhos que deram sua juventude e sua vida em favor do crescimento do país. Agora inúteis, gastam muito, custam caro demais para os cofres públicos, daí as dificuldades do Sistema Previdenciário, sem falar das verbas desviadas para bolsos de velhinhos privilegiados, mesmo que “ladrões” refinados.

Se a Ética visa a *dignidade da Pessoa Humana*, faz-se mister retomar o percurso natural da pessoa e ir em busca de uma transformação das situações dessas mesmas pessoas. Não podemos continuar contemplando a cultura de sobrevivência desgastante que fere violentamente a possibilidade das pessoas, de *ser gente!*



Todos somos chamados a retomar o caminho e buscando a identidade de Deus, encontrá-lo na pessoa do *outro*. Só assim, será possível instaurar uma verdadeira ética no comportamento de uma sociedade que visa apenas o lucro fácil e valoriza somente aqueles que só pensam em consumir.

O convite está lançado: visando a dignidade da Pessoa Humana, teremos a coragem de sermos *pessoas* promovendo *pessoas*.

### 3. Ética e manipulação da vida

O século XXI iniciou trazendo incertezas e euforias que acompanham, simultaneamente, as possíveis conseqüências da codificação do genoma humano. O acesso a este conhecimento confere um “poder” enorme, devido, principalmente, às implicações econômicas e à possibilidade de manipular a vida, algo, até aqui, aceito apenas como Dom divino.

Ao modificar a natureza e o potencial genético dos seres vivos, o homem estará modificando, conseqüentemente, as condições de vida das futuras gerações. Em diversas instâncias, surge a discussão sobre os limites que cabe à ética impor ou não à investigação científica nesse campo. Quando os resultados podem afetar a humanidade, faz-se necessário certo controle, embora o direito humano à investigação científica seja reconhecidamente livre.

A decifração do código genético poderá ajudar a entender melhor e mais rapidamente como funciona o ser humano. Permitirá que se substitua um gene defeituoso por outro perfeito, ou que se introduza, dentro da célula, a proteína que o gene codifica, e isso é maravilhoso. No entanto, o problema é saber quem terá acesso a essa tecnologia. Num país como o Brasil, onde parcela significativa da população não tem sequer saneamento básico e, por isso, sofre de doenças que há muito já deveriam ter sido erradicadas, pensar essas tecnologias como forma de beneficiar a humanidade parece ser uma utopia, o que não deve ser um limitante para que esses estudos se realizem.

Porém, diante de mais de 40 milhões de brasileiros passando fome e vivendo aquém das condições mínimas de sobrevivência, não estaria na hora de investir na dignidade das pessoas que nasceram naturalmente?

A transformação deste mundo num outro melhor, depende de todos nós.



#### 4. Ética e clonagem humana

A cada dia mais fala-se da *Clonagem Humana*. Há muito tempo que o progresso do saber e os respectivos avanços da técnica no âmbito da biologia molecular, genética e fecundação artificial tornaram possível a experimentação da clonagem no campo vegetal e animal.

No reino animal, por exemplo, desde os anos trinta do século passado, efetuam-se experiências de produção de seres idênticos, obtidos por cisão gemelar artificial, a qual se pode, impropriamente, definir clonagem. A prática da cisão gemelar no campo zootécnico tem-se difundido nos estábulos especialmente reservados à experimentação, como incentivo à multiplicação de certos exemplares selecionados.

A notícia publicada na revista “Nature” de 27 de fevereiro de 1997, do nascimento da ovelha “Dolly”, por obra dos cientistas escoceses, Jan Vilmut e K.H.S. Campbell com os seus colaboradores do Roslin Institute de Edimburgo, abalou excepcionalmente a opinião pública, suscitando tomadas de posição de Comissões e Autoridades nacionais e internacionais: isto porque se tratou de um fato novo e considerado inquietante.

O resultado de Edimburgo verificou-se depois de 277 fusões ovócitonúcleo de doador; apenas oito delas tiveram êxito positivo, ou seja, somente oito da 277 fusões iniciaram o desenvolvimento embrionário, e só um destes oito embriões conseguiu chegar ao nascimento: a ovelha depois chamada “Dolly”.

Devemos imaginar, em nossa reflexão ética, quantas vidas a clonagem sacrificaria para alcançar seus objetivos!

O físico americano Richard Seed, de 71 anos, que em 1998 se tornou famoso ao dizer que clonaria humanos ao custo de US\$ 2 milhões – quantia que ainda não levantara –, disse que pretendia obter um clone de si mesmo. Seed, que na época estava desempregado, não tinha vínculo com nenhuma instituição de pesquisa. Ele não tem formação médica, mas está envolvido em estudos de fertilidade desde a década de 70. Ele deseja gerar seu clone usando técnicas semelhantes às empregadas na clonagem da ovelha Dolly, anunciada em 1997. Seed quer inserir o material genético do núcleo de uma de suas células não reprodutivas em um óvulo doado por sua esposa, Glória Seed, para obter um embrião.

O avanço da ciência precisa estar sempre acompanhado de segurança e de prudência, seja dos cientistas, seja de todos os que procuram preservar a dignidade da vida humana. Se assim não for, a técnica avançada poderá trazer prejuízos catastróficos.



Embora seja fascinante o avanço da biomédica, é necessário manter o equilíbrio e não querer tomar o lugar do Criador, na pretensão de tornar-se o homem o seu próprio deus. Por isso, para fazer com que a ciência biomédica mantenha e reforce a sua ligação com o verdadeiro bem do ser humano e da sociedade, é necessário, como recorda o Santo Padre, o Papa João Paulo II, na Encíclica *Evangelium Vitae*, cultivar “um olhar contemplativo” sobre o próprio homem e sobre o mundo, numa visão da realidade como criação, e num contexto de solidariedade entre a ciência, o bem da pessoa e da sociedade.

Dos seis bilhões de habitantes da terra, oitocentos e setenta milhões passam fome. Ao invés de querer clonar a pessoa humana, precisar-se-ia pensar numa melhor qualidade de vida. De um lado, faz-se necessário um melhor planejamento familiar, de outro há pretensões de querer clonar mais gente. Ou clonar-se-ia apenas seletamente quem fosse, ainda, útil ao mundo?

Se não superarmos a ganância mundial e, se não nos unirmos para garantir, aos seis bilhões de habitantes sobre a Terra, melhor qualidade de vida, correremos o risco de contemplar o *fim*.

## 5. Ética e valor da vida

O Brasil assistiu em 2001, um cenário em que se instaurou a “justiça”. Referimo-nos à condenação, a 14 anos, dos 4 jovens de Brasília que assassinaram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, no dia 20 de abril de 1997, ateando-lhe fogo enquanto dormia. Havia um quinto jovem, que, julgado separadamente por ter sido menor, já gozava de liberdade. Segundo a imprensa, os jovens Antonio Novely Vilanova, filho de juiz federal, Eron Chaves de Oliveira, Max Rogério Alves e Tomás Oliveira de Almeida, trabalhavam há três anos no Núcleo de Custódia. Em três anos ganhariam um ano adicional pelos dias de trabalho. Dos quatorze anos deveriam ser cumpridos nove anos e quatro meses. Presos desde o dia do crime, solicitaram a liberdade condicional e voltaram para casa.

Todos sabemos que o sistema carcerário de nosso País é falido e verdadeira escola do crime. Quando afirmamos justiça aparente, referimo-nos a determinadas aparências que se instauram para fazer pensar que o sistema passou a ser sério. É bem verdade que mais ou menos anos de reclusão destes jovens não traria de volta uma vida, que eles simplesmente banalizaram. Mas consideramos baixa a pena aplicada e errônea a pedagogia. Nove anos e meio de reclusão é tempo de duas faculdades, é





tempo de pós-graduação, que poderá ou não, preparar quatro mentalidades de energias criminosas.

Benzer a roupa que usaram durante o julgamento, ficar de mãos dadas para ouvir a sentença e rezar naquele momento, foi no mínimo medíocre e tarde demais. Onde ficou a convicção religiosa ou pelo menos a educação humana básica, na adolescência desses jovens, que foram tão cruéis ao brincarem de atear fogo numa pessoa indefesa e que dormia, não em colchões confortáveis, mas num ponto de ônibus?

A brutalidade gerada pelas energias criminosas é produzida na educação recebida no seio da família. Solidarizamo-nos com a dor dos pais, parentes e amigos. Mas não estaria na hora de aprendermos a resgatar o *valor da vida*, empenhando-nos *todos* a reerguer a família posta de bruços nos últimos anos do segundo milênio? Se a família é considerada a célula da sociedade e está enferma, toda a sociedade passa a ter febre, e, onde há febre, há infecção. Qual o antibiótico eficaz para combater tal febre? O amor serviçal, a verdade, a justiça e a liberdade, que produzem *paz interior*. Enquanto produzimos “paz de cemitério”, onde pessoas sentem medo de pessoas, nossa sociedade continuará assistindo a cenários como o de Brasília.

## 6. Ética e violência institucionalizada

O Brasil e o mundo contemplaram em agosto de 2001 a ousadia da violência, quando do seqüestro de Patrícia Abravanel e do drama do “dia seguinte”, vivido por Sílvio Santos. Bem podemos imaginar o sofrimento traumatizante da família Abravanel, de seus parentes, amigos e admiradores do tão bem sucedido empresário Sílvio Santos. De modo algum nossa reflexão pretende subestimar tamanho sofrimento, porém, não podemos deixar de ler a questão do nosso ponto-de-vista ético.

Quando assistimos aos programas do Sílvio Santos, como Show do Milhão, Tentação, Topa Tudo por Dinheiro ou outros, sentimos um desrespeito muito grande em relação ao Povo Brasileiro. Dizem que é disso que o povo gosta. Ora, não estaria na hora de oferecer ao nosso Povo melhor formação e critérios de realidade, ao invés de tanta ilusão? Mesmo afogados na “Cultura da Sobrevivência”, sabemos que todo dinheiro fácil acaba fácil. Tardes de domingos e noites de semana, iludindo o povo com mediocridades, dá ibope, nós sabemos. Mas está provado, mais do que nunca, que também produz violência. Aguça o espírito de riqueza imediata nas pessoas, sobretudo nas mais pobres e privadas do essencial para a sua sobrevivência.



O próprio Sílvio Santos, numa entrevista à revista *Veja*, no mesmo ano, dizia que, para ele, o que importa é dinheiro. Afirmava que, se o povo gosta de ver mulheres com pouca roupa, verá, porque isso dá dinheiro ao empresário. Jogar aviõezinhos de dinheiro sobre a platéia não significa estar ajudando os mais pobres. Antes significa jogar-lhes migalhas, como aquele homem rico fazia com o pobre Lázaro do Evangelho de São Lucas.

O dinheiro é um bem necessário, mas trai, rouba, mata, violenta e marginaliza. Por isso, nossa leitura do acontecido é confirmada quando afirmamos que, infelizmente os próprios programas do Sílvio Santos produzem “*Violência Institucionalizada*”, contribuindo com as expectativas de enriquecimento fácil: basta ser criativo, como o próprio Sílvio Santos, ou violento, como os que o fizeram sofrer.

Haja criatividade para oferecer trabalho digno ao Povo Brasileiro, haja uma política menos corrupta, que crie espaço para melhor distribuição de renda, promovendo a dignidade de nossas famílias para poderem com o próprio esforço construir sua casa própria, não necessitando da mendicância nem dependendo da sorte, que alguns poderosos do País lhes prometem.

## 7. Ética e terrorismo com sabor de guerra

O dia 11 de setembro de 2001 ficará na história, com a cruel lembrança do terrorismo perpetrado contra os Estados Unidos da América. Em pouco mais de uma hora, o mundo inteiro contemplava a queda do maior centro econômico e do mais perfeito arsenal de inteligência secreta, as torres do World Trade Center e parte do Pentágono. O que os americanos consideravam “eterno” caiu por terra, soterrando milhares de vidas e bilhões de bens materiais.

Repudiamos, com todas as forças, o terrorismo. Pois o terrorismo só atinge vidas inocentes. Ele chega de surpresa, não obstante leve meses a ser planejado. Provoca ódio e desolação. Porém, gostaríamos de refletir, a partir da tragédia americana, sobre o valor da vida. O capitalismo liberal colocou o “lucro fácil e imediato” no centro do mundo. O poder econômico, ao lado do poder político, deu uma rasteira no ser humano, deixando-o para um segundo plano. O ser humano já não vale por aquilo que é, mas por aquilo que pode possuir e consumir.

A sensação que sentimos, ao ver as torres do World Trade Center no chão, além da dor pelas vítimas, foi a de uma “espiadinha no céu”. Costumamos fazer um exercício, que alguns consideram tétrico: cada vez que nos encontramos num velório, para encomendar um falecido,



colocamo-nos mentalmente no lugar do cadáver. Se fôssemos nós a estar nessa condição de morto, como seria? Imaginamo-nos, por vezes, inerte e morto: o que levamos deste mundo, a não ser a essência do que fomos? Nada do que tivemos cabe na urna, na qual nos imaginamos. Vamos sós, nós e aquele que tentamos *ser*, nada do que tentamos *ter*.

Oxalá o mundo faça uma reflexão sobre a vida, sobre a morte, e transcenda todo o ódio, toda dor, buscando uma mudança, que produza solidariedade, amor à pessoa humana em sua dignidade, e não ao dinheiro e ao poder.

Que o *terrorismo com sabor de guerra* nos anime a converter o poder em serviço, o dinheiro em partilha e o prestígio em humildade. Está nessa conversão a verdadeira força de superar o ódio e de evitar a vingança. Se os Estados Unidos, apoiados pelo mundo, fizessem tal exercício, conseguiriam exterminar o terrorismo, sem sacrificar mais vidas inocentes, como no Iraque, por exemplo.

Hoje afirma-se que a cada 24 horas morrem 30 mil pessoas de fome na terra, das quais 70% são crianças. Todos os dias morrem de fome dez vezes mais pessoas do que as que foram soterradas sob os escombros das Torres Gêmeas. Não nos sensibilizarmos com este dado, continua sendo sistemática violência contra a vida.

“*Felizes os que promovem a paz*”. É inconcebível o ódio que se implanta entre povos e nações. É igualmente inconcebível a “cultura da morte”, a “glorificação do crime” que se instauram em nossa sociedade. A morte invade a casa do pobre e do rico. A morte passa pelo ponto-de-ônibus e entra nos restaurantes, invadindo o lazer e a privacidade de pessoas de boa índole, trabalhadores e que se esforçam por sobreviver a uma cultura do ter, do consumir e do prazer.

Está na hora de superarmos a *violência*, vencendo o ódio pelo amor. Todos, somos dignos de viver num mundo que não pertence apenas a uma nação, mas que é de todos. Como seria lindo se trocássemos as armas, por ramalhetes de flores, e, se nos guardássemos uns aos outros como *Anjos de Solidariedade e Paz!*

**Endereço do Autor:**

pekasper@terra.com.br  
Rua João Pessoa, 3085  
Bairro Velha  
89036-004 Blumenau, SC